

S. Tomás de Aquino

O MANDAMENTO DA CARIDADE

Índice Geral

1. Introdução.

2. A lei da natureza.

3. A lei da concupiscência.

4. A lei da Escritura, ou do temor.

5. A lei Evangélica, ou do amor.

6. A lei do amor torna livre.

7. A lei do amor introduz nos bens celestes.

8. A lei do amor é leve.

9. Conclusão: simplicidade e retidão da lei de Cristo.

10. Os efeitos da lei do amor: o amor causa a vida espiritual.

11. O amor causa a observância dos mandamentos.

12. O amor é refúgio contra as adversidades.

13. O amor conduz à eterna bem aventurança.

14. Outros efeitos do amor: o amor produz o perdão dos pecados.

15. O amor produz a iluminação do coração.

16. O amor realiza a perfeita alegria.

17. O amor produz a perfeita paz.

18. O amor dignifica o homem.

19. O amor de caridade só pode ser alcançado pela graça.

20. Quatro disposições para alcançar de Deus a graça da caridade.

21. Primeira disposição: a escuta da palavra de Deus.

22. Segunda disposição: a meditação.

23. Terceira disposição: afastar o coração das coisas da terra.

24. Quarta disposição: a firme paciência na adversidade.





Santo Tomás de Aquino

O MANDAMENTO DA CARIDADE

1. Introdução.

Três coisas são necessárias à salvação do homem, a saber:

**a
ciência
do que
se há
de
crer,
a
ciência
do que
se há
de
desejar,
e a
ciência
do que
se há
de
operar.**

A primeira nos é ensinada no Credo, onde nos é ensinada a ciência dos artigos da fé. A segunda, no Pai Nosso. A terceira na Lei.

Agora a nossa intenção é acerca da ciência do que se há de operar, para tratar da qual encontramos quatro leis.



n



2. A lei da natureza.

A primeira lei é dita lei da natureza, e esta nada mais é do que a luz da inteligência colocada em nós por Deus, pela qual conhecemos o que devemos agir e o que devemos operar. Esta luz e esta lei Deus a deu ao homem na criação, mas muitos acreditam dela poderem desculpar-se por ignorância se não a observarem. Contra estes diz, porém, o profeta no salmo quarto:

**"Muitos
dizem:
Quem
nos
mostrará
o
bem?",**

como se ignorassem o que é para se operar. Mas o próprio profeta no mesmo lugar responde:

**"Sobre
nós está
assinalada
a luz do
teu
semblante,
ó
Senhor",**

luz, a saber, do intelecto, pela qual nos é conhecido o que se deve agir. De fato, ninguém ignora que aquilo que não quer que seja feito a si, não o faça ao outro, e outras tais.





3. A lei da concupiscência.

Posto, porém, que Deus na criação deu ao homem esta lei, a saber, a da natureza, o demônio, todavia, semeou sobre esta uma outra lei, a da concupiscência. Com efeito, até quando no primeiro homem a alma foi submissa a Deus, observando os divinos preceitos, também a carne foi submissa em tudo à alma, ou à razão. Mas depois que o demônio pela tentação afastou o homem da observância dos preceitos divinos, também a carne se tornou desobediente à razão. De onde aconteceu que ainda que o homem queira o bem segundo a razão, todavia é inclinado ao contrário pela concupiscência. E isto é o que nos diz o Apóstolo no sétimo de Romanos:

***"Mas
vejo
outra lei
nos
meus
membros
que se
opõe à
lei da
minha
razão".***

Daqui é que freqüentemente a lei da concupiscência corrompe a lei da natureza e a ordem da razão, e por isso acrescenta o Apóstolo:

***"Acorrentando-
me à lei do
pecado".***





4. A lei da Escritura, ou do temor.

A lei da natureza, pois, estava destruída pela lei da concupiscência. Fazia-se, portanto, necessário que o homem fosse restituído à obra da virtude e fosse afastado dos vícios. Para isto foi necessária a lei da Escritura.

Deve-se saber, porém, que o homem é afastado do mal e induzido ao bem por duas coisas, a primeira das quais sendo o temor. De fato, a primeira coisa pela qual alguém maximamente principia a evitar o pecado é a consideração das penas do inferno e do juízo final. Por isso é que o Eclesiástico nos diz:

***"O início
da
Sabedoria
é o temor
do
Senhor",***

e também:

***"O
temor
do
Senhor
expulsa
o
pecado",***

pois, ainda que aquele que por temor não peca não seja justo, todavia daqui principia a justificação. É deste modo que o homem é afastado do mal e induzido ao bem pela lei de Moisés, a qual punia os transgressores com a morte:

***"Quem
transgride a
Lei de Moisés
é condenado
à morte, sem
piedade, com
base em duas
ou três
testemunhas".***

Heb.
10





5. A lei Evangélica, ou do amor.

O modo do temor, porém, é insuficiente, e a lei que foi dada por Moisés desta maneira, afastando do mal pelo temor, também foi insuficiente. De fato, ainda que obrigasse a mão, não obrigava a alma. Por isso há um outro modo de afastar do mal e induzir ao bem, a saber, o modo do amor, e deste modo foi dada a lei de Cristo, a lei Evangélica, que é lei de amor.





6. A lei do amor torna livre.

Deve-se considerar, entretanto, que entre a lei do temor e a lei do amor são encontradas três diferenças.

A primeira consiste em que a lei do temor faz de seus observantes servos, enquanto que a lei do amor os faz livres. Pois quem opera somente pelo temor opera pelo modo de servo; quem, porém, o faz por amor, o faz por modo de livre, ou de filho. De onde que diz o Apóstolo:

***"Onde
está o
Espírito
do
Senhor, lá
está a
liberdade",***

**II
Cor .
3**

porque, a saber, estes por amor agem como filhos.





7. A lei do amor introduz nos bens celestes.

A segunda diferença está em que os observadores da primeira lei eram introduzidos nos bens temporais, conforme diz Isaías:

***"Se
quiserdes,
e me
ouvirdes,
comereis
dos bens
da terra".***

**Is .
1**

Mas os observadores da segunda lei são introduzidos nos bens celestes:

***"Se queres
entrar na vida,
observa os
mandamentos".***

**Mat .
19**

E também:

***"Fazei
penitência".***

Mat.

2





8. A lei do amor é leve.

A terceira diferença é que a primeira é pesada:

***"Por que
quereis
impor um
jugo
sobre nós
que nem
nós, nem
nossos
pais
puderam
suportar?"***

**Atos
15**

A segunda, porém, é leve:

***"O
meu
jugo
é
suave,
e o
meu
peso
é
leve".***

**Mat.
11**

E também:

***"Não
recebestes
um
espírito
de
servidão
para
recaídes
no temor,
mas
recebestes
o espírito
de adoção
de filhos".***

Rom.

8





9. Conclusão: simplicidade e retidão da lei de Cristo.

Assim, portanto, como já foi dito, encontram-se quatro leis, a primeira sendo a lei da natureza, que Deus infundiu no homem na criação, a segunda a lei da concupiscência, a terceira a lei da Escritura, a quarta a lei da caridade e da graça que é a lei de Cristo.

Como, porém, é evidente que nem todos podem ser versados na ciência, foi-nos dada por Cristo uma lei breve, para que por todos pudesse ser sabida, e ninguém por ignorância pudesse escusar-se de sua observância, e esta é a lei do amor divino. Como diz o Apóstolo:

***"Fará o
Senhor
uma
palavra
abreviada
sobre a
terra".***

Rom.

9

Deve-se saber, ademais, que esta lei deve ser a regra de todos os atos humanos. Com efeito, assim como vemos nas coisas feitas pela arte humana, em que cada obra é dita boa e correta quando segue a regra da arte, assim também qualquer obra humana é reta e virtuosa quando concorda com a regra do amor divino. Quando, porém, discorda desta regra, não é boa, nem reta, ou perfeita. Portanto, para que os atos humanos se tornem bons, é necessário que concordem com a regra do amor divino.





10. Os efeitos da lei do amor: o amor causa a vida espiritual.

Deve-se saber, também, que esta lei, a do amor divino, produz quatro coisas no homem imensamente desejáveis, a primeira das quais é causar no mesmo a vida espiritual.

É, de fato, manifesto que o amado está naturalmente no amante e por isto, quem a Deus ama, possui Deus em si:

***"Quem
permanece
na
caridade
em Deus
permanece,
e Deus
nele".***

**I
Jo.
4**

A natureza do amor é também tal que transforma o amante no amado; de onde que se amamos o que é vil e caduco, vis e instáveis nos tornamos:

***"Fizeram-se
abomináveis
assim como
o que
amaram".***

**Os.
1**

Se, porém, a Deus amarmos, divinos nos tornaremos, porque, como está escrito:

***"Aquele
que se
une ao
Senhor,
constitui
com Ele
um só
espírito".***

**I
Cor .
6**

Neste sentido é que Santo Agostinho diz que assim como a alma é a vida do corpo, assim Deus é a vida da alma, e isto é manifesto. Porquanto dizemos o corpo viver pela alma, quando tem as operações próprias da vida, e quando opera e se move. Apartando- se, porém, a alma, nem o corpo opera, nem se move. Assim também a alma opera virtuosa e perfeitamente quando opera pela caridade, pela qual Deus habita nela. Sem a caridade, porém, não opera:

***"Quem
não ama,
permanece
na morte".***

**I
Jo .
3**

Deve-se considerar, também, que se alguém tiver todos os dons do Espírito Santo sem a caridade, não tem a vida. Seja, de fato, a

graça de falar em línguas, seja o dom da fé, ou seja qualquer outro, sem a caridade não concedem a vida. Com efeito, se o corpo dos mortos é vestido de ouro e de pedras preciosas, não obstante isto, morto permanece. Causar a vida espiritual é, portanto, o primeiro dos efeitos da caridade.





11. O amor causa a observância dos mandamentos.

O segundo efeito da caridade é a observância dos mandamentos divinos. Diz São Gregório:

***"Nunca
o amor
de
Deus é
ocioso".***

Porquanto, se existe, opera grandes coisas; se, porém, se recusa a operar, amor não é. De onde que um sinal manifesto da caridade é a prontidão na execução dos preceitos divinos. Vemos, de fato, os que amam operar por causa do amado coisas grandes e difíceis. Diz também o Evangelho de João:

***"Se alguém me
ama,
observará os
meus
mandamentos".***

**Jo.
14**

Mas quem observa o mandamento e a lei do amor divino cumpre toda a lei. Pois há dois modos de mandamentos divinos. Alguns são afirmativos, e estes a caridade cumpre porque a plenitude da lei que consiste nos mandamentos é o amor pelo qual os mandamentos são observados. Já outros são proibitórios, e estes também a caridade cumpre, porque

***"não age
maldosamente",***

como diz o Apóstolo na primeira aos Coríntios.





12. O amor é refúgio contra as adversidades.

A terceira coisa que faz a caridade é ser refúgio contra as adversidades. Ao que tem caridade, nenhuma adversidade causa dano, antes, se converte em coisa útil:

***"Todas
as
coisas
cooperam
para o
bem dos
que
amam a
Deus".***

Rom.

8

As coisas adversas e difíceis parecem suaves para os que amam, como entre nós o vemos manifestamente.





13. O amor conduz à eterna bem aventurança.

O quarto efeito da caridade é o de conduzir à felicidade. Somente aos que tiverem caridade a felicidade eterna é prometida, pois todas as coisas sem a caridade são insuficientes:

**"Desde
já me
está
reservada
a coroa
de
justiça,
que me
dará o
Senhor,
justo
juiz,
naquele
dia. E
não
somente
a mim,
mas a
todos os
que
tiverem
esperado
com
amor a
sua
vinda".**

**II
Tim.
4**

E deve-se saber que somente segundo a diferença da caridade será a diferença da bem aventurança, e não segundo nenhuma outra virtude. Muitos, na verdade, fizeram maiores jejuns do que os apóstolos, mas estes na bem aventurança superam todos os outros por causa da excelência da caridade. Eles, com efeito, foram as primícias dos que têm o Espírito, com diz o Apóstolo, no oitavo de Romanos. De onde que a diferença da bem aventurança provém da diferença da caridade, e assim são patentes as quatro coisas que em nós faz a caridade.





14. Outros efeitos do amor: o amor produz o perdão dos pecados.

Além destas, porém, a caridade faz outras coisas que não se devem deixar passar.

Primeiro, causa o perdão dos pecados, algo que já vemos manifestamente acontecer entre nós. Porquanto, se alguém ofender algum homem e posteriormente vier a amá-lo entranhadamente, o ofendido, por causa do amor com que é amado, perdoará a ofensa. Assim também Deus perdoa os pecados dos que o amam:

**"A
caridade
encobre
uma
multidão
de
pecados".**

**I
Pe.
4**

E diz bem o apóstolo que os encobre, porque para Deus não parece que devam ser punidos. Mas, posto que São Pedro diga que encobre uma multidão, todavia Salomão diz no décimo de Provérbios que

**"a
caridade
encobre
todos
os
delitos",**

o que o exemplo da Madalena maximamente manifesta:

***"São-lhe
perdoados
muitos
pecados",***

e a causa é mostrada:

***"já
que
muito
amou".***

**Luc .
7**

Mas talvez alguém dirá: "Então a caridade basta para apagar os pecados, e não é necessário o arrependimento?" Deve-se considerar, porém, que ninguém verdadeiramente ama, que não se arrependa verdadeiramente. De fato, é manifesto que quanto mais amamos a alguém, tanto mais nos afligimos se a ele ofendemos, e isto é um efeito da caridade.





15. O amor produz a iluminação do coração.

A caridade causa também a iluminação do coração. Com efeito, assim diz o livro de Jó:

***"Estamos
todos
envolvidos
em
trevas".***

**Jó
37**

Pois freqüentemente não sabemos o que agir, ou desejar. A caridade, porém, ensina tudo o que é necessário à salvação. Por isto está dito:

***"Sua
unção
vos
ensinará
de
tudo".***

**I
Jo.
2**

Isto é porque, onde está a caridade, lá está o espírito Santo que a tudo conhece, o qual nos conduz no caminho correto, assim como está escrito no Salmo 138. E por isso diz também o Eclesiástico:

**"Vós, que
temeis a
Deus,
amai-O, e
se
iluminação
os
vossos
corações",**

a saber, para o conhecimento do que é necessário à salvação.





16. O amor realiza a perfeita alegria.

A caridade também realiza no homem a perfeita alegria. Na verdade, ninguém tem verdadeira alegria a não ser existindo na caridade. Quem quer que deseje algo não está contente, nem se alegra, e nem tem repouso enquanto não o conseguir. E nas coisas temporais sucede que o que se não se tem é apetecido, e o que se tem é desprezado e gera o tédio. Mas não é assim nas coisas espirituais; antes, ao contrário, quem a Deus ama, a Deus possui, e por isso a alma de quem o ama e o deseja nEle repousa:

"Quem",

de fato,

***"permanece
na
caridade,
em Deus
permanece,
e Deus
nele",***

como está dito no quarto da primeira Epístola de João.





17. O amor produz a perfeita paz.

Igualmente, a caridade produz a perfeita paz. Pois acontece nas coisas temporais que sejam desejadas com freqüência, mas obtidas as mesmas, ainda a alma do que as deseja não repousa, antes, ao contrário, obtida uma, outra apetece:

**"O
coração
do ímpio
é como
um mar
revolto,
que não
pode
repousar".**

**Ecl.
57**

E também, no mesmo lugar:

**"Não há
paz
para o
ímpio,
diz o
Senhor".**

Mas não acontece assim na caridade para com Deus. Quem, de fato, ama a Deus, tem a paz perfeita:

**"Muita
paz
aos
que
amam
a Tua
lei, e
não há
tropeço
para
eles".**

Salmo
118

E isto porque somente Deus é capaz de satisfazer o nosso desejo, porquanto Deus é maior do que o nosso coração, como diz o Apóstolo. E por isso diz Santo Agostinho no primeiro livro das Confissões:

**"Fizeste-
nos, ó
Senhor,
para ti, e
o nosso
coração
está
inquieta
enquanto
não
repousa
em ti".**

E também:

***"O qual
preenche
de bens
o teu
desejo".***

Salmo
102

A caridade também torna o homem de grande dignidade. Com efeito, todas as criaturas servem à própria majestade divina, e por ela foram feitas, assim como as coisas artificiais servem ao artífice. Mas a caridade faz do servo um livre e um amigo. De onde diz o Senhor:

***"Já não
vos
chamarei
de
servos,
mas de
amigos".***

Jo.
15

Mas porventura Paulo não é servo? E os outros apóstolos não escreviam de si serem servos? Quanto a isto deve-se saber que há duas servidões. A primeira é a do temor, e esta é penosa e não meritória. Se, de fato, alguém se abstém do pecado somente pelo temor da pena, não merece por isto. Ainda é servo.

A segunda servidão é a do amor. Se, na verdade, alguém opera não pelo temor da justiça, mas pelo amor divino, não opera como servo, mas como livre, porque voluntariamente, e é por isto que Cristo diz:

**"Já não
vos
chamarei
mais de
servos".**

E por que? A isto responde o Apóstolo:

**"Não
recebestes
o espírito
de
servidão
para
recairdes
no temor,
mas
recebestes
o espírito
de adoção
de filhos".**

Rom.

8

"Não há, de fato, temor na caridade", como diz I Jo. 4. O temor tem, certamente, tormento, mas a caridade deleitação.





18. O amor dignifica o homem.

A caridade igualmente torna não somente livres, mas também filhos, para que, a saber,

***"sejamos
chamados
filhos de
Deus e
de fato o
sejamos".***

**I
Jo.
3**

Com efeito, o estranho se torna filho adotivo quando adquire para si o direito na herança de Deus, que é a vida eterna. Pois, como diz Romanos:

***"O próprio
Espírito dá
testemunho
ao nosso
espírito
que somos
filhos de
Deus. Se,
porém,
filhos,
também
herdeiros:
herdeiros
de Deus e
co-
herdeiros
de Cristo".***

Rom.

8

E também:

***"Eis que
são
contados
entre os
filhos de
Deus".***

Sab.

5





19. O amor de caridade só pode ser alcançado pela graça.

Do que já foi dito fica patente a utilidade da caridade. Pois que, portanto, seja tão útil, deve-se trabalhar diligentemente para adquirí-la e retê-la.

Deve-se saber, porém, que ninguém pode por si mesmo possuir a caridade. Antes, ao contrário, é dom inteiramente de Deus. De onde que diz João:

**"Não
fomos
nós que
amamos
a Deus,
mas Ele
quem
nos
amou
primeiro",**

**I
Jo.
4**

porque certamente não por causa de nós o amarmos primeiro que Ele nos ama, mas o próprio fato de o amarmos é causado em nós pelo seu amor.

Deve-se considerar também, que ainda que todos os dons sejam do pai das luzes, todavia este dom, a saber, o da caridade, supera todos os demais dons. De fato, todos os outros podem ser possuídos sem a caridade e o Espírito Santo; com a caridade, porém, possui-se necessariamente o Espírito Santo:

**"A
caridade
de Deus
foi
derramada
nos
nossos
corações
pelo
Espírito
Santo que
nos foi
dado".**

Seja o dom das línguas, portanto, seja o dom da ciência ou o da profecia, todos estes podem ser possuídos sem a graça e o Espírito Santo.





20. Quatro disposições para alcançar de Deus a graça da caridade.

Mas ainda que a caridade seja dom divino, para possuí-la, todavia, requer-se a disposição de nossa parte. Por isso deve-se saber que duas coisas são necessárias para adquirir a caridade, e duas para aumentar a caridade já adquirida.





21. Primeira disposição: a escuta da palavra de Deus.

Para adquirir, pois, a caridade, a primeira coisa é a escuta diligente da palavra de Deus, o que é suficientemente manifesto pelo que ocorre entre nós. Ouvindo, de fato, coisas boas de alguém, somos acesos em seu amor. Assim também, ouvindo as palavras de Deus, somos acesos em seu amor:

**"A tua
palavra
é um
fogo
ardente,
e o teu
servo a
amou".**

Salmo
118,
140

E também:

**"A
palavra
de Deus
o
inflamou".**

Salmo
104

Por esta causa aqueles dois discípulos, ardendo do amor divino, diziam:

**"Porventura
não ardia
em nós o
nosso
coração,
enquanto
nos falava
pelo
caminho e
nos
explicava
as
Escrituras?"**

Luc .
24

De onde que também no décimo de Atos se lê que

**"Pregando
Pedro, o
Espírito
Santo
caiu nos
ouvintes
da
palavra
divina".**

E o mesmo freqüentemente acontece nas pregações, isto é, que os que se aproximam com o coração duro, por causa da palavra da pregação, são acesos ao amor divino.





22. Segunda disposição: a meditação.

Para adquirir a caridade, a segunda coisa é a contínua consideração dos bens recebidos:

"Aqueceu-se o meu coração dentro de mim".

**Salmo
38**

Se, portanto, queres conseguir o amor divino, meditarás os bens recebidos de Deus. Demasiadamente duro seria, na verdade, quem considerando os benefícios divinos que alcançou, os perigos dos quais escapou, e a bem aventurança que lhe é prometida por Deus, que não se acendesse ao amor divino. De onde que diz Santo Agostinho:

"Dura é a alma do homem que, posto que não queira retribuir o amor, não queira pelo menos agradecer".

E, de modo geral, assim como os pensamentos maus destróem a caridade, assim os bons a adquirem, a alimentam e a conservam, de onde que nos é ordenado:

***"Retirai os
vossos
maus
pensamentos
dos meus
olhos".***

**Is.
1**

E também:

***"Os
pensamentos
perversos
separam de
Deus".***

**Sab.
1**





23. Terceira disposição: afastar o coração das coisas da terra.

Há também duas coisas que aumentam a caridade possuída, e a primeira é afastar o coração do que é terreno.

O coração, de fato, não pode ser trazido perfeitamente a coisas diversas, de onde que ninguém é capaz de amar a Deus e ao mundo. E por isso, quanto mais nos afastarmos do amor do que é terreno, tanto mais nos firmaremos no amor divino. De onde que Santo Agostinho diz no Livro das 83 Questões:

**"A
esperança
de
conseguir
ou reter o
que é
temporal
é veneno
da
caridade".**

O seu alimento é a diminuição da cobiça; sua perfeição, a nenhuma cobiça, porque a raiz de todos os males é a cobiça.

Quem quer que, portanto, queira alimentar a caridade, insista em diminuir a cobiça.

A cobiça é o amor de conseguir ou obter o que é temporal, e o início de sua diminuição é o temor de Deus, o qual não pode somente ser temido, sem amor. É por esta causa que se ordenaram as religiões, nas quais e pelas quais a alma é trazida do que é mundano e corruptível ao que é divino, conforme se encontra escrito no Segundo de Macabeus, onde se lê:

**"Refulgiu
o Sol,
que
antes
estava
entre
nuvens".**

**II
Mac.
1**

O Sol, isto é, o intelecto humano, está entre nuvens quando entregue às coisas terrenas. Refulgirá, porém, quando for afastado e removido do amor do que é terreno. Resplandecerá, então, e nele crescerá o amor divino.





24. Quarta disposição: a firme paciência na adversidade.

A segunda coisa que aumenta a caridade é a firme paciência na adversidade.

É manifesto, de fato, que quando sustentamos dificuldades por aquele a quem amamos, o próprio amor não é destruído; antes, ao contrário, ele cresce:

***"As
muitas
águas",***

isto é, as tribulações,

***"não
puderam
extinguir
a
caridade".***

Cant .

8

É assim que os homens santos que sustentam adversidades por Deus mais se firmam em seu amor, assim como o artífice mais amará aquela sua obra na qual mais trabalhou. Daí também vem que os fiéis quanto maiores aflições por Deus sustentam, tanto mais se elevam no seu amor:

***"Multiplicaram-
se as águas",***

isto é, as tribulações,

**"e
elevaram
a arca
ao alto",**

**Gen .
7**

isto é, a Igreja, ou a alma do homem justo.

